

MEU AMIGO E PROFESSOR MIROSLAV MILOVIC

Adriano Luiz Oliveira¹

Escrever a respeito do amigo e Professor Miroslav Milovic é uma honra e uma responsabilidade muito grande, honra pela pessoa intelectualmente notável que foi e responsabilidade por ter sido um dos alunos desse Professor.

Ouvi falar do Miro quando me aproximei da Universidade de Brasília como aluno especial, com o objetivo de ingressar no mestrado. Essa aproximação foi em 2011 e se deu, inicialmente, com a Criminologia, onde participava do Grupo Candango de Criminologia.

Algumas vezes, eu via o Miro pelos corredores da Faculdade de Direito e sentia vontade de me aproximar por conta de saber que ele era oriundo da Escola de Frankfurt e, portanto, do pensamento crítico que sempre me interessou, até que abriram as matrículas para aluno especial da sua disciplina, quando então me matriculei.

Foi uma experiência ímpar, embora tivesse que enfrentar toda a falta de bagagem em Filosofia, pois as aulas do Miro eram um mergulho profundo nos autores em que eu tinha pouca familiaridade. O Miro fazia com que as coisas parecessem simples, ele sempre conseguia trazer a transparência dos conceitos e dos autores para as aulas, o que estimulava a leitura e o debate.

Aquela afinidade especial que eu sentia pelo Miro foi correspondida totalmente e nos tornamos, com o tempo, amigos. Dividimos angústias pessoais e compartilhamos muitos diálogos que faziam a minha admiração pelo Professor aumentar a cada dia.

O Miro era uma pessoa especial não só pelo seu conhecimento, mas pelo exemplo contínuo da sua filosofia na vida cotidiana, exemplo de acolhimento, respeito às diferenças e escuta, que faziam dele um Professor diferenciado.

Seu magistério foi marcado pela convicção de que a Filosofia deveria servir como reflexão, mas também e principalmente para a transformação do mundo, o que ele demonstrava como professor na sua abertura irrestrita aos outros.

Demonstrar que era possível foi o que me encantou no Professor Miroslav, ele fazia acreditar que era possível um mundo aberto para as diferenças, includente e democrático pelo modo como se relacionava com os outros.

Sua preocupação em pensar o social, pensar o mundo e não somente conceitos abstratos era o diferencial que nos animava no Miro, precisamos de uma filosofia para o aqui e agora, como ele sempre repetia.

¹ Mestrando no PPGD-FD-UnB. Ex-orientando do Professor Miroslav Milovic.

O capitalismo mudou os paradigmas e tem como pressuposto até mesmo acabar com eles, era o recado forte contra essa metafísica que nos domina atualmente, que se chama capitalismo e globalização.

Identificar essa metafísica que nos coloniza, que despe o direito de seus fundamentos, e se contrapor a ela, era o norte de suas aulas, sempre procurando revelara ausência do outro nas relações jurídicas.

Essa ausência do outro e de fundamentação transforma o direito em mero exercício da violência sobre parcelas inteiras, desprovidas da proteção legal em razão de suas condições pessoais.

O direito assim, sem reflexão, se torna um mero instrumento do poder e da violência, a serviço da manutenção do sistema sem nenhum compromisso com a mudança social, o direito destinado somente a alguns privilegiados.

Ouvir dentro da Faculdade de Direito que o direito não tem fundamentos que o sustente é forte, na medida em que existe uma crença forte no meio jurídico na norma e na sua infalibilidade, sempre distante de críticas.

Com essa leitura provocativa do direito como instrumento do poder, o Miro nos dotava de novas lentes para compreender o direito e a possibilidade de crítica ao modelo em funcionamento, enriquecendo o aspecto acadêmico com uma visão pouco tradicional.

Como filósofos, temos que ser críticos, e os filósofos críticos não aceitam os fatos, é um recado forte que o Miro nos deixa, para que não aceitemos as coisas como ela nos são reveladas, mas devemos ter uma postura crítica e reflexiva acerca de fatos, sempre buscando os fundamentos.

Miro não buscava fazer uma reconstrução histórica da filosofia, mas de pontos que relacionam o pensamento com as consequências práticas da modernidade e do direito na vida do ser humano.

Como o direito pode nos aproximar da afirmação da liberdade e da igualdade era a pergunta em todas as aulas. Como, nessa cultura identitária, fechada para a diferença, excluindo várias estruturas sociais e justificando as desigualdades no modelo capitalista em que vivemos, o direito ainda pode ter algum espaço na transformação social?

Como pensar o novo e sair dessa repetição do mesmo que determina o nosso mundo capitalista e conseqüentemente o direito, era a pergunta que o Professor sempre fazia, deixando claro que pensar novas possibilidades é algo necessário e urgente.

O diagnóstico de que a modernidade não se realizou, na medida em que não é a afirmação do humano, não trouxe a prometida liberdade e igualdade, é muito preciso e nos ajuda muito a refletir sobre o contexto social em que estamos inseridos, dando potência ao discurso crítico.

Como entender a modernidade não ligada à teoria, mas às práticas e suas consequências na vida humana, era o que o Professor nos convidava a pensar, em

especial como a economia e o trabalho, no curso do pensamento ocidental, saiu da esfera privada e entrou no público, passando a dominar todos os aspectos do mundo.

A modernidade não mudou com os pressupostos da nossa cultura, com as identidades da própria modernidade. O que se afirma é alguma coisa, o essencial talvez, a estrutura do essencial e não as diferenças e não o individual.

O sistema social ficou sem a crítica, sem a possibilidade de pensar a simetria social dentro dele e sem o projeto da nossa emancipação, nossa afirmação, nossa liberdade, e finalmente, da democracia, esse é o recado forte contra a colonização do mundo pelo capitalismo que nós vivemos que o Miro nos deixou.

O estado inventa os inimigos para criar a própria identidade e articular as novas condições da nossa sobrevivência, não avançamos muito da nossa situação e da leitura que Hobbes fazia sobre as condições da nossa sobrevivência, o projeto da modernidade para o ser humano seria a mera sobrevivência.

Abandonar o projeto da mera sobrevivência na sociedade moderna passa por uma sociedade autorreflexiva, ou seja, uma sociedade que se volta para as condições de sua própria constituição, uma crítica permanente e atualizada da própria sociedade.

É importante sempre deixar um espaço aberto para a diferença e para o outro, um espaço vazio sempre disponível, nunca ocupado por processos identitários e essencializações, um espaço sempre aberto para o novo.

Uma impressão que eu tive e carrego até hoje é de que não é possível ser a mesma pessoa depois de ter assistido as aulas do Miro. Depois da transparência que ele revelava nas suas reconstruções, fazendo sempre questionamentos pertinentes para os dias atuais e dotando seus alunos de uma nova perspectiva crítica.

O Miro e o seu pensamento deve ser lembrado, vivido e estudado.

Obrigado meu amigo!

